



Boletim do

Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

Publicação do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional - Versão em Português – Abril de 2015

Manifesto da Conferência Internacional do Comitê de Enlace / 2015

Aos operários, camponeses, juventude e à vanguarda revolucionária

A Conferência do Comitê de Enlace dá mais um passo em seu objetivo de reconstruir a IV Internacional. A aprovação de resoluções, que respondem em geral à crise mundial do capitalismo e às suas manifestações particulares em regiões e países, fortalece suas seções. Temos a consciência de que é necessário construir os partidos marxistas-leninistas-trotskistas no seio do proletariado para superar a crise de direção revolucionária. Não há outra via de cumprir essa tarefa senão aplicando na luta de classes mundial o Programa dos Quatro Primeiros Congressos e o Programa de Transição, respectivamente os programas da III e da IV Internacionais. A Conferência do Comitê de Enlace chama os explorados e a sua vanguarda a impulsionarem e corporificarem esses nossos esforços, que são parte consciente das forças proletárias que lutam pela superação da crise de direção.

Os explorados estão em choque com os exploradores em todos os países. A intensidade e os ritmos das lutas variam de lugar a lugar, mas de conjunto tornam-se cada vez mais um obstáculo para a burguesia administrar a crise estrutural do capitalismo. A classe capitalista iniciou, sem exceção, uma grande ofensiva contra as conquistas elementares dos trabalhadores. Vem sacrificando brutalmente, em especial, a juventude. As massas se batem pela sobrevivência. Respondem com ações coletivas, que tendem a se generalizar na forma de confrontos com os governos e com o Estado. Embora não ocorra com igual dimensão e forma em todos os países e regiões, o fundamental está nas tendências objetivas de recrudescimento da luta de classes mundial e nacional. Nessa situação, os explorados procuram instintivamente organizar-se e livrar-se das travas das direções pró-capitalistas. É imprescindível que a vanguarda esteja na linha de frente de sua organização independente diante da política burguesa.

A crise mundial de superprodução se converte em destruição maciça de forças produtivas. Não há medidas econômicas que possam desviar ou estancar o seu curso. As potências vêm usando de seus poderosos meios para superar a marcha da desintegração do capitalismo. Não têm tido êxito. Alongaram o processo da crise, mas não o interromperam. Nestes seis anos - em 2008, os Estados Unidos sacudiram o mundo com a sua quebra econômico-financeira -, destruíram-se milhões de postos de trabalho, o desemprego se elevou e a

miséria deu um salto à frente. A Unidade Europeia foi posta à prova. Serviu tão somente à proteção da Alemanha e em menor escala da França e Inglaterra. Países se viram na iminência de bancarrota; países literalmente se quebraram. As massas se puseram em movimento. Evidenciou-se o retrocesso político do proletariado. Os velhos aparatos social-democratas e o que restou do estalinismo impossibilitaram à classe operária assumir a direção das lutas, expressar-se com suas bandeiras e organização independente.

A pequena-burguesia tem manifestado em seu interior tendências democratizantes, de um lado, e fascitizantes, de outro. Sem que o proletariado rompa com os aparatos social-democratas e estalinistas e coloque em pé o partido revolucionário, não há como separar a pequena-burguesia democrática da fascista e organizá-la no campo da revolução social. Não há como emancipá-la da influência burguesa. Esse fenômeno se verifica nos países em que o capitalismo desenvolveu uma ampla classe média. A vanguarda revolucionária, para auxiliar a classe operária a cumprir seu objetivo estratégico, deve se libertar das pressões democratizantes da pequena-burguesia e trabalhar com o programa da revolução proletária.

O crescente intervencionismo militar das potências indica o recrudescimento das tendências bélicas. O mais recente conflito militar na Ucrânia expressa a necessidade do imperialismo incorporar países em que o proletariado expropriou a burguesia e que se acha em processo de restauração capitalista. É sintomático o reforço pelos Estados Unidos de posições militares no Leste Europeu e no extremo oriente. A coligação das potências sob a direção dos Estados Unidos é uma medida para intensificar a sujeição e o saque das nações oprimidas. Nenhum governo burguês é capaz de se opor à ofensiva do capital financeiro e dos monopólios. O proletariado é a única classe capaz de liberar a luta das nações oprimidas contra as opressoras.

No momento em que a Conferência se realiza, a Arábia Saudita bombardeia o Iêmen. A reunião da Liga Árabe decidiu se unir em uma força militar coligada para combater os levantes jihadistas. As monarquias e as ditaduras sentem o chão tremer aos seus pés. Colocam-se incondicionalmente a serviço da intervenção dos Estados Unidos e demais potências. O Oriente Médio e cercanias estão convulsionados.

As massas oprimidas não suportam a miséria e a opulência da feudal-burguesia petrolífera e comercial. Chocam-se com as ditaduras oligárquicas. Resistem ao saque imperialista e à permanência dos Estados semicoloniais. A feudal-burguesia, com seus chefes tribais e clérigos, e o imperialismo colocam uma etnia contra outra, um povo contra outro. O imperialismo exerce a opressão nacional e regional. E a feudal-burguesia a reproduz internamente. As lutas nacionais e de classe praticamente se fundem em um só movimento. Ocorre na região a rebelião das nações oprimidas contra os opressores internacionais. Sem dúvida, confusa e deformada pelos antagonismos religiosos e étnico-raciais. À vanguarda consciente cabe separar o trigo do joio. Identificar a revolta das nações oprimidas e trabalhar pela constituição da frente única antiimperialista. A derrota do imperialismo e das forças pró-imperialistas é o ponto de partida para as grandes transformações históricas no Oriente Médio.

A cruzada dos Estados Unidos e de sua coalizão político-militar contra o Estado Islâmico (EI) objetiva esmagar a rebelião das nações oprimidas. O imperialismo norte-americano há muito vem impondo sua doutrina de guerra ao terrorismo. No passado, armou um cerco contra Cuba sob a bandeira de combate ao comunismo e ao terrorismo. O governo nacionalista de Saddam Hussein sofreu a infame campanha norte-americana de ser terrorista. Na presente situação, o seu inimigo principal é o EI. Qualquer que seja a força que se ponha em armas contra o domínio imperialista entra na lista dos terroristas. As organizações radicais islâmicas via de regra se apóiam nos métodos terroristas de combate. A violência à margem das massas não serve ao processo revolucionário. Expressa tão somente um meio de combate das forças infinitamente inferiores às dos opressores. O Comitê de Enlace se apoia na tradição marxista de rejeição ao método do terror individual, mas em hipótese alguma se coloca ao lado do imperialismo e nem permanece em posição neutra. Identifica o nacionalismo como base para a jihad islâmica. E a religião como sua máscara ideológica obscurantista. Não obstante, somente a derrota do imperialismo e a derrocada da feudal-burguesia pela insurreição das massas tornarão as ações terroristas extemporâneas e a religião uma relíquia do passado. A Conferência, apoiada em princípios e posição programática, chama o proletariado e a vanguarda revolucionária a rechaçarem a doutrina imperialista da guerra ao terrorismo e colocarem-se ao lado das nações oprimidas contra os seus opressores.

Na América Latina, a crise mundial pôs fim a um período de ascensão de governos burgueses que empunharam as bandeiras de “desenvolvimento nacional com distribuição de renda”, de “Estado plurinacional” e de “reformas populares”. O mais arrojado foi o de Hugo Chávez, com o nacionalismo bolivariano. Eis por que a Venezuela se encontra no centro da crise política, rodeada pela Bolívia, Equador, Brasil e Argentina. Chegou o momento de proteger os interesses gerais da burguesia, atacando as condições de existência dos explorados. Esgotaram-se as possibilidades para as fraudulentas nacionalizações, para as tentativas de controle das riquezas naturais e para despender migalhas aos miseráveis. Os governos denominados nacionais e progressistas estão de joelhos diante do capital financeiro que lhes cobra a fatura. Não podem proteger a economia das semicolônias diante das poderosas pressões dos monopólios. Mostram-se impotentes a cada ação do imperialismo. Estão sobressaltados pela ofensiva da oposição burguesa

pró-imperialista, que explora os seus fracassos e ataca a classe média a combatê-los. São desmoralizados por escândalos de corrupção. Não têm capacidade e nem ânimo para convocar as massas a combater a descarada ingerência dos Estados Unidos nos assuntos internos dos países e a quebrar a espinha dorsal da direita oposicionista.

O proletariado latino-americano também padece do grande retrocesso mundial. Não teve como se reabilitar da colaboração de classe e das traições do estalinismo. Importante parcela da vanguarda militante se desviou para o foquismo. Foi duramente reprimida pelos governos militares que dominaram o continente por duas décadas. A reconstituição da democracia constitucional deu lugar às ilusões entre os explorados nas possibilidades do parlamento e dos governos mascarados de nacionais. A burocracia sindical e direções de movimentos (camponeses, populares) serviram de esteio a tais governos. Pôs-se em ação a política democratizante, como via de canalização do descontentamento dos explorados e de estatização de suas organizações. A crise econômica vem reduzindo a margem de manobra da política de colaboração de classes. A presença ativa da camada mais esclarecida da pequena-burguesia urbana diante dos governos que já não conseguem alimentar alguns de seus privilégios, porém, mantém acesas as ilusões democráticas e favorece o crescimento de correntes de esquerda centristas e reformistas. Ao mesmo tempo, a sua fração mais rica escora a direita burguesa pró-imperialista. Nos países cujo atraso capitalista não se formou uma vasta classe média, a polarização entre as classes é mais direta e contundente. É preciso ressaltar que não se trata de relações de classe mecânicas e nem que sua evolução seja igual. O fundamental é entender as divisões e os realinhamentos das classes gestados pela crise político-econômica. A Conferência se apóia na premissa de que vanguarda tem o dever de combater pela independência de classe do proletariado, por sua organização coletiva e pela elevação de sua consciência socialista. O proletariado em luta e organizado no partido revolucionário pode se tornar a direção da maioria oprimida. Essa condição é decisiva tanto para a revolução, quanto para a contrarrevolução.

A Conferência convoca os explorados e a juventude a se unirem em cada país e mundialmente em torno do programa da revolução e ditadura proletárias. Convoca a partirem das reivindicações mais elementares e a avançarem com seus métodos revolucionários contra o poder da burguesia e do imperialismo sob a estratégia da tomada do poder. Convoca o proletariado das potências a lutar contra a burguesia imperialista e a apoiar o levante das nações oprimidas. Convoca o proletariado e os camponeses dos países semicoloniais a se aliarem e a tomarem em suas mãos as tarefas democráticas de independência nacional, autodeterminação das nações oprimidas, liquidação dos latifúndios e nacionalização sem indenização dos monopólios e do capital financeiro. Convoca a lutarem por um governo operário e camponês, que possibilitará a expropriação geral da grande propriedade capitalista e a sua transformação em propriedade social. Sob a estratégia histórica dos Estados Unidos Socialistas, reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista – a IV Internacional.

Viva a Conferência do Comitê de Enlace!

A emancipação dos trabalhadores é obra dos próprios trabalhadores